CEM ANOS COM PAULO FREIRE: DIÁLOGOS

Nesp n 10.indb 1 25/11/2020 21:10:19

CADERNOS TEMÁTICOS DO NESP
Número 10: Cem anos com Paulo Freire: diálogos

NÚCLEO DE ESTUDOS SOCIOPOLÍTICOS (NESP)

GRUPO GESTOR

REPRESENTANTES DA PUC MINAS:
Adriana Maria Brandão Penzim
Claudemir Francisco Alves
Robson Sávio Reis Souza (coord.)

REPRESENTANTES DA ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE:
Frederico Santana Rick
José Zanetti Gonçalves

SECRETARIA:
Carmen Lúcia de Araújo Vieira

COMITÊ EDITORIAL DESTA PUBLICAÇÃO:
Adriana Maria Brandão Penzim
Claudemir Francisco Alves
Robson Sávio Reis Souza

ORGANIZAÇÃO:
Adriana Maria Brandão Penzim
Carlos Eduardo Carrusca Vieira
Claudemir Francisco Alves
Mara Marçal Sales
Robson Sávio Reis Souza

CEM ANOS COM PAULO FREIRE: DIÁLOGOS

Adriana Maria Brandão Penzim
Carlos Eduardo Carrusca Vieira
Claudemir Francisco Alves
Mara Marçal Sales
Robson Sávio Reis Souza
Organização

Núcleo de Estudos Sociopolíticos

editora PUC Minas

Belo Horizonte
2020

© 2020 Núcleo de Estudos Sociopolíticos – Nesp

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem a autorização prévia do Nesp.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Grão-chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo
Reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães
Secretário de Comunicação: Mozahir Salomão Bruck
Coordenador do Anima: Pe. Áureo Nogueira de Freitas

EDITORA PUC MINAS
Direção e Coordenação editorial: Mariana Teixeira de Carvalho Moura
Comercial: Paulo Vitor de Castro Carvalho

Projeto gráfico e diagramação do miolo: Eduardo Magalhães Salles
Capa: Cláudio Lütkenhaus

CONSELHO EDITORIAL
Édil Carvalho Guedes Filho, Eliane Scheid Gazire, Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros, Flávio de Jesus Resende, Jean Richard Lopes, Javier Alberto Vadell, Leonardo César Souza Ramos, Lucas de Alvarenga Gontijo, Luciana Lemos de Azevedo, Márcia Stengel, Meire Chucre Tannure Martins, Mozahir Salomão Bruck, Pedro Paiva Brito, Sérgio de Morais Hanriot.

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C393 Cem anos com Paulo Freire: diálogos/ organizadores Adriana Maria Brandão Penzim ...[et al.]. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Nesp, 2020. (Coleção Cadernos Temáticos do Nesp ; n. 10).

200 p.: il.

ISBN – 978-65-88547-07-6

1. Freire, Paulo, 1921-1977. 2. Psicologia social. 3. Educação – Métodos de ensino. 4. Educação de adultos. 5. Política e educação. 6. Sociologia educacinal. I Penzim, Adriana Maria Brandão II. Título. III. Série.

CDU: 371-483

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Paim Brito – CRB 6/2999

Núcleo de Estudos Sociopolíticos – Nesp
Av. Dom José Gaspar, 500, prédio 4, sala 205 – Coração Eucarístico – Belo Horizonte – MG
CEP: 30.535-901 – Telefone (31) 3319-4978 – e-mail: nesp@pucminas.br – site: www.nesp.pucminas.br

Sumário

Parecer do escritor Rubem Alves ao Conselho
Diretor da Unicamp sobre Paulo Freire 7

Apresentação
Adriana Maria Brandão Penzim
Claudemir Francisco Alves
Robson Sávio Reis Souza 9

Psicologia social em preto e branco: Paulo Freire na
psicologia social que fazemos na PUC Minas
Rubens Ferreira do Nascimento 19

Paulo Freire, os dilemas da escola pública
e as contribuições da psicologia social
Cleiton Donizete Corrêa Tereza
Fernanda Mendes Resende 61

Provocações do não saber: notas sobre as dimensões
psicológicas, pedagógicas e políticas de escuta
Betânia Diniz Gonçalves
Carlos Eduardo Carrusca Vieira 81

Afinidades eletivas entre Paulo Freire
e o discurso psicanalítico
Carla de Abreu Machado Derzi
Cristina Moreira Marcos
Valéria Freire de Andrade 91

Por uma educação que transforme: o trabalho sob o ponto de vista de Paulo Freire
Mara Marçal Sales
Amanda da Silva Madeira
Logan Andrade dos Santos 107

Paulo Freire e construcionismo social: possibilidades dialógicas e de construções de novas realidades na Educação
Natália Silva Resende
Patrícia Eliane de Melo 123

Escola sem partido: tentativa de esterilização da reflexão ética e negação da alteridade na educação
Carlos Eduardo Carrusca Vieira 135

Paulo Freire: legado e reinvenção na educação integral
Cleidiane Lemes de Oliveira
Viviane Augusta Ramos Dias Pascoal
Deisy Ferreira dos Santos
Teodoro Adriano Costa Zanardi 169

Sobre os autores 195

Provocações do não saber: notas sobre as dimensões psicológicas, pedagógicas e políticas de escuta

Betânia Diniz Gonçalves
Carlos Eduardo Carrusca Vieira

Desaprender oito horas por dia ensina os princípios
Desinventar objetos
Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.
Repetir, repetir – até ficar diferente.
Manoel de Barros

Escutar, do latim *auscultare*, é ouvir com atenção (HOUAISS; VILLAR, 2009). Constitui-se como uma competência e um instrumento fundamental para o exercício da Psicologia em seus diversos campos de atuação. O processo de escuta psicológica possui, sem dúvidas, dimensões psicossociais, mas também pedagógicas e políticas. Aquele que escuta oferece espaço para que a vida, em todas as suas dimensões e nuances, seja compartilhada e, além disso, para que o sujeito que fala possa realmente se escutar e, a partir dessa escuta, possa transformar-se. Escutar é, afinal, um ato político, que oferece, resgata e valida a possibilidade de o sujeito dizer a sua palavra e desta se apropriar, com efeitos para sua vida. Nesse processo, aprende quem é escutado e, igualmente, aquele que escuta.

No exercício profissional da Psicologia, quando escutamos uma pessoa ou um grupo, permitimo-nos e admitimos não saber. O "não saber" é a condição preliminar que nos faculta o acesso

ao conteúdo que o sujeito intenciona falar, ainda que ele não o saiba. Essa condição de respeito e abertura à experiência de outrem permite-nos escutar sem prescrições ou roteiros, e, de mais a mais, escutar de forma flutuante e seletiva, do singular ao coletivo ou vice-versa. Nenhum de nós é capaz, a rigor, de antecipar o que será dito (e como o será) por aqueles que nos buscam com diferentes propósitos, seja o de atenuar o sofrimento, refletir sobre decisões, enfrentar dificuldades ou encarar a perda de entes queridos, entre tantas outras possibilidades. Como simplesmente desde o início, não sabemos, oferecemos ao sujeito a oportunidade de falar, podendo, dessa maneira, escutar-se, elaborar seus dilemas e encontrar caminhos... Quem fala sabe, mas não sabe que sabe. Quem escuta acompanha e espera. E a palavra dita o toca e o convoca a intervir, viabilizando a construção de um processo cuja rota é imprevisível, posto que a história de cada um é um contínuo devir. A escuta, o tempo e o processo farão insurgir o que precisa ser tornado consciente e apropriado, o que precisa ser nomeado e ressignificado. Nessa relação, há um encontro entre saberes e não saberes, provocado pela escuta e pela disposição para escutar-se.

Escutar implica disponibilidade e amabilidade. Dessa forma, manifestamos o desejo de acolher, sem juízos de valor, a vida de quem busca ser escutado e a nossa abertura para o sujeito que se constitui ao longo do processo de escuta.

É transformador acompanhar processos vividos nos quais pessoas e grupos, elaboram conflitos, descobrem caminhos, ressignificam a vida e, a partir daí, podem reconhecer seus desejos, sonhar, compor planos e ser mais felizes. Ensinar a conduzir esse processo é uma das tarefas daqueles que lecionam nos cursos de Psicologia. Trata-se de um processo que exige despir-se de ideias prontas e caminhos preestabelecidos, que implica aprender ao ensinar; ensinar a aprender, ao ensinar a escutar.

Fundamento do agir psicológico em qualquer um de seus campos profissionais, a escuta é uma ação política transformadora,

sendo que "a arte da escuta do outro começa pela possibilidade de escutar a si mesmo" (DUNKER; TEBAS, 2019, p. 25). Aquele que fala, ao escutar-se, redefine a vida: amplia a consciência de si e do mundo, interferindo, positivamente, no território do qual faz parte. Aquele que ouve, tendo experimentado a escuta de si em confronto com o outro, ao se dispor a acompanhar processos, participa da transformação de sujeitos e de grupos e, nessa intervenção, se transforma e se reinventa:

> Escutar com qualidade é algo que se aprende. Depende de alguma técnica e exercício, mas também, e principalmente, de abertura e experimentação. É uma arte difícil de dominar porque seus efeitos visíveis acontecem no outro em tempo real e segundo as leis do improviso: o riso, a metamorfose do humor a mudança de atitude com relação a si mesmo, ao mundo e aos outros. (DUNKER; TEBAS, 2019, p. 25).

O que fala e o que escuta se transformam e o encontro, não sem dissensos, produz narrativas e sujeitos novos. Nesse fazer, somos convocados a ter atitudes comprometidas, o manejo do discurso dos sujeitos exige responsabilidade ética. Ação-reflexão (práxis), o sujeito transformando o mundo se transforma mutuamente (FREIRE, 1982).

São inúmeras as oportunidades nas quais essa transformação pode ser verificada. Inevitavelmente, os que procuram pelos cuidados da Psicologia trazem conflitos de várias ordens. Para Freire (2013), o conflito é a parteira da consciência, é nele que se aprende. A importância do conflito vem sublinhada com a importância do amor, amor que se afirma, que busca, que critica, que quer ser, que provoca ser. Escutar e nomear o que se faz conflito e desordem permite problematização e elaboração da experiência vivida e sua transformação. Essa escuta deve estar envolta pela acolhida, pela receptividade, pela confiança e, por que não dizer, pelo amor. Esse constante fazer de natureza dialógica se constitui, como dissemos, na diversidade de campos profissionais nos quais

a Psicologia se insere. A ética e a técnica qualificam esse fazer comprometido e transformador, oportunizam o aprendizado da lida com dilemas e conflitos, visando às elaborações e à construção de relações horizontais.

Na formação em Psicologia, promove-se a cultura do encontro com espaço para a diversidade. Ninguém pode ser excluído, gerando um humanismo solidário no qual se globalizam a esperança e a inclusão, perpassando por uma ética intergeracional. Muitas possibilidades se colocam nesse processo de formação. O caminho, muitas vezes, é árduo e complexo. É preciso desconstruir "vias distorcidas" e sujeitos indisponíveis, mas o potencial humano está presente e é matéria imprescindível para reconstrução. Ensinar a prática da escuta para quem (quase) nunca foi escutado em seu processo educativo se revela um grande desafio. Contudo, como verificado a partir de Freire (2002), ninguém ensina ninguém e ninguém aprende sozinho. Os sujeitos humanos se educam uns aos outros, mediatizados pelo mundo. Mesmo advindos de processos educativos autoritários, alunos e alunas, querem aprender a escutar os sujeitos no mundo e aí reside a diferença, o desejo de aprender a escutar impera e, passo a passo, o processo de aprendizado se dá: alunos e alunas se colocam disponíveis para serem surpreendidos com a fala de quem busca a Psicologia para se ouvir, ressignificar o vivido e encontrar outros modos de experimentar a vida. O desejo de acompanhar percursos diversos do que foram trilhados e descobrir que, para a Psicologia, não existe resposta única nem caminho único, permite a cada um(a) reconstruir-se e perceber que cada sujeito pode construir sua resposta, seu caminho e sua escolha. Nada mais freiriano do que redefinir-se no mundo a partir do processo educativo, desconstruir-se e reconstruir-se pelo encontro com o outro e o redesenho de uma experiência diferente e transformadora. Pensamos ser esse o processo vivenciado pelos que se colocam no processo de formação em Psicologia, aluno(a) e professor(a).

A experiência da formação em Psicologia é – e pode ser – libertadora tal qual a pedagogia de Paulo Freire.

Inspirados em Paulo Freire (2019), entendemos que o ato de escutar em Psicologia recusa sempre o fatalismo e reconhece a história como possibilidade. A história tecida no acompanhamento psicológico de indivíduos e grupos revela o potencial terapêutico, pedagógico e político da escuta. À medida que os sujeitos revisitam seus dramas, na presença de alguém que se importa com eles e com a sua palavra, tornam-se mais capazes de identificar as marcas das relações sociais cravadas em sua trajetória biográfica. Aguçam seu senso crítico em relação à constituição de sua própria vida, o que impele à releitura dos acontecimentos, ao reconhecimento e à transformação de circunstâncias objetivas e (inter)subjetivas que impulsionaram e impulsionam novas potencialidades e o lançam para horizontes possíveis de construção ou, ao contrário, limitaram ou impediram (e impedem) seu desenvolvimento. O sujeito pode, assim, reconhecer sua história como constituída por dadas relações sociais e, ao mesmo tempo, como constitutiva delas. Pode, finalmente, evitar posições fatalistas, para reencontrar-se com a história como tempo repleto de possibilidades, não de forma ingênua, posto que o mundo objetivo não apenas permite, mas também constrange e cerceia os sonhos. O reconhecimento precípuo é o de que o sujeito é inconcluso (FREIRE, 2019).

Em **Pedagogia do Oprimido**, Freire (2002) afirma que a humanização e desumanização são possibilidades humanas, mas somente a primeira lhe parece uma vocação humana. Vocação esta que é negada pela injustiça, exploração e violência, mas reafirmada no anseio de liberdade, justiça e luta por recuperação da humanidade negada. A violência dos opressores os desumaniza e a luta dos oprimidos e daqueles que são solidários a estes últimos somente tem sentido se não reproduzirem as ações opressoras, quando da busca e resgate de sua humanidade. A luta precisa ser restauradora da humanidade de ambos, opres-

sores e oprimidos. Compete, então, aos oprimidos libertarem a si e aos opressores. A força para a libertação dos oprimidos não pode vir em razão do poder dos opressores, pois, no máximo, o poder dos opressores, quando pretende amenizar essa opressão, quase sempre se expressa na forma de uma falsa generosidade. Para a condução desse processo de libertação de oprimidos e opressores, é necessário que os oprimidos reconheçam em si o opressor. Somente assim poderão contribuir para a construção dessa pedagogia libertadora. Enquanto os oprimidos viverem a dualidade na qual buscam se assemelhar aos opressores, será impossível o processo de libertação. Em meio a esse processo, oprimidos tendem a ser opressores também, pois a estrutura de seu pensar encontra-se condicionada pela situação existencial na qual vivem e o conhecimento de si mesmos como oprimidos encontra-se prejudicado pela imersão na realidade opressora. Para Freire (2002), verifica-se com isso uma "aderência do oprimido" ao opressor, ficando esse impedido de ter consciência de si como classe oprimida. Como afirma Freire (2002, p. 18): "perdura nos oprimidos a sombra testemunhal do opressor antigo. Este continua a ser o seu testemunho de humanidade". E, por sua vez, os oprimidos, tendo os opressores introjetados, temem a liberdade, pois à medida que expulsam de si esse modelo desumanizante, terão que preencher esse espaço com o novo modelo, no qual caiba autonomia e responsabilidade, embora, às vezes, não se sintam capazes de assumir tal risco. Enquanto tocados pelo medo da liberdade, oprimidos se negam a apelar ou a escutar os apelos a eles endereçados para que essa situação se transforme. Temem expulsar o opressor de dentro de si e vivem dilemas como: se desalienarem ou continuarem alienados; seguirem prescrições ou terem opções; serem expectadores ou atores; dizerem a palavra ou não terem voz. A superação das contradições possibilita um novo ser, nem opressor, nem oprimido. Permite a libertação de todos e a transformação da situação concreta que gera a opressão.

Reportando-nos à formação em Psicologia, pode-se dizer que nem todos(as) serão capazes de enfrentar e superar as contradições. Contudo, para os que a superam verifica-se um novo ser. Cumpre dizer algo a mais sobre esse processo.

Ainda que não usufruamos inteiramente da pedagogia libertadora de Paulo Freire no próprio processo educacional, ela faz parte do universo educacional brasileiro, na medida em que é utilizada, debatida e sugerida ou negada. Para a formação em Psicologia, é imprescindível aprender a fazer perguntas e acompanhar os processos daí decorrentes. Pergunta quem "não sabe" e deseja saber. Perguntas guardam intenções, ofertam espaço para a reflexão. Em uma relação baseada na escuta psicológica, constituem-se narrativas e possibilidades de elaboração. O "não saber" provoca e produz saberes, assim como produz movimento e faz surgir um sujeito que se pensa, deseja e se autoriza a ser e a interpelar o mundo.

Parte importante da formação do(a) Psicólogo(a) é escutar quem escuta, olhar de fora, supervisionar o processo e o aprendizado profissional. Essa ação visa a contribuir para que o aprendiz-profissional consiga distinguir o que é dele e o que é do outro e assim ouvir sem restrições, sem julgamentos, possibilitando a emergência do desejo de quem fala. Novamente a escuta flutuante e seletiva se faz presente. Há que se distinguir o que o aprendiz escuta e a partir daí pronuncia, com uma nova espera, ou seja, a da construção do profissional. Ensinar e mediar um processo no qual o(a) educador(a) se recuse como cópia. O aprendiz precisará construir-se como profissional tendo condições de se colocar a seu modo e não copiando o(a) professor(a). De novo, perguntas são fundamentais, servem para fazer pensar e perceber-se na condução e mediação do processo de exercer a profissão Psicologia. E na escuta de quem está em formação, o(a) professor(a) também se transforma. Aqueles que estão no processo de aprender nos colocam questões durante todo o tempo. Aprende-se a perguntar fazendo perguntas a si mesmo,

a quem se põe a mediar o aprendizado e ao mundo. Não se faz possível uma mera transferência de conhecimento; proporciona-se assim o ato de conhecer:

> [...] ao constatar-se o caráter ativo, indagador, pesquisador da consciência, como consciência reflexiva e não apenas reflexa, que lhe faz possível conhecer, automaticamente se constata a faculdade que ela tem, de um lado, de reconhecer ou de refazer o conhecimento existente: de outro, de desvelar e de conhecer o ainda não conhecido. Se assim não fosse, isto é, se a consciência que pode reconhecer o conhecimento existente não fosse capaz de buscar novos conhecimentos, não haveria como explicar o próprio conhecimento hoje existente, uma vez, como processo, o conhecimento que hoje existe foi viabilidade e logo depois conhecimento novo, com relação ao conhecimento existente ontem e assim sucessivamente. (FREIRE, 1982, p. 99)

Experiência instigante e desafiadora: mediar e não se impor, mediar para fazer surgir um(a) profissional que se põe a escutar perguntas e desejos; processo esse libertador, pois permite que o sujeito (pessoa ou grupo) se coloque perguntas e possa respondê-las. Não se trata, evidentemente, de uma ação concebida nos moldes da educação bancária criticada por Paulo Freire (2019). Não se trata de um ensino autoritário, pois:

> Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é *escutando* que aprendemos a *falar com eles*. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com ele*, mesmo que, em certas condições, precise falar *a ele*. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar *impositivamente*. (FREIRE, 2019, p. 111)

Assim, a prática educativa exige escuta, dialogicidade, ética e respeito. A prática educativa em Psicologia, igualmente, transcende a si mesma, é processual, é, assim como a escuta, uma arte.

REFERÊNCIAS

DUNKER, C.; THEBAS, C. **O palhaço e o psicanalista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**; saberes necessários à prática educativa. 60. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE. P. **Ação cultural para liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE. P. **Pedagogia do oprimido**. 34 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE. P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.